
Educação profissional e formação dos «desvalidos da fortuna»: higiene física e moral em Pelotas – Brasil, durante as décadas de 1920 e 1930

Professional education and training of the "destitute of fortune": physical and moral hygiene in Pelotas - Brazil, during the 1920s and 1930s

Educación profesional y capacitación de los "desfavorecidos de la suerte": higiene física y moral en Pelotas - Brasil, durante las décadas de 1920 y 1930

Oliveira, Maria Augusta Martiarena de¹ (Osório, RS, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1118-3573>

Resumo

Tendo em vista que a higiene física, moral e urbana foram conceitos cuja relação estreitou-se durante as primeiras décadas do século XX no Brasil, o presente estudo destinou-se ao contexto da cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, a qual vivia um momento de melhorias e reformas urbanas. No bojo desse grande crescimento urbano, as preocupações referentes à civilidade dos habitantes da urbes receberam maior destaque, notadamente a preocupação já existente desde o século XIX, com os jovens oriundos das camadas populares, considerados como «desvalidos da fortuna». O presente artigo, então, dedica-se ao estudo das primeiras décadas de funcionamento do Patronato Agrícola Visconde da Graça e da Escola de Artes e Offícios, ambas instituições de ensino profissional localizadas na cidade de Pelotas, no sul do Brasil. A primeira foi inaugurada em 1923 e a segunda, em 1930. Objetiva-se compreender a relação entre as referidas instituições e as propostas educacionais higienistas existentes para as camadas populares nas primeiras décadas do século XX, bem como a análise das fotografias publicadas na imprensa sobre as escolas acima mencionadas, com base na perspectiva da moralização e higienização.

Palavras-chave: História da Educação. Educação profissional. Fotografias.

Abstract

Bearing in mind that physical, moral and urban hygiene were concepts whose relationship narrowed during the first decades of the 20th century in Brazil, or the present study aimed at the context of the city of Pelotas, in the state of Rio Grande do Sul, which lived a time of urban improvements and reforms. No type of urban growth, such as the concerns related to the civility of the inhabitants of cities, is given greater prominence, notably the concern that has existed since the 19th century, with young people from the popular communities, considered as "deprived of fortune". This article, then, is dedicated to the study of the first decades of operation of the Agricultural Sponsor Visconde de Graça and the School of Arts and Crafts, institutions of professional education located in the city of Pelotas, in the south of Brazil. The first was opened in 1923 and the second in 1930. The objective is to understand a relationship between the institutions and the hygienist educational proposals for popular samples in the first decades of the 20th century, as well as an analysis of the photographs published in the press about schools mentioned above, based on the perspective of moralization and hygiene.

Keywords: History of Education. Professional education. Photographs.

Resumen

Teniendo en cuenta que la higiene física, moral y urbana fueron conceptos cuya relación se redujo durante las primeras décadas del siglo XX en Brasil, o el presente estudio dirigido al contexto de la ciudad de Pelotas, en el estado de Rio Grande do Sul, que vivió un tiempo de mejoras y reformas urbanas. Ningún tipo de crecimiento urbano, como las preocupaciones relacionadas con la civilidad de los habitantes de las ciudades, tiene mayor importancia, especialmente la preocupación que ha existido desde el siglo XIX, con los jóvenes de las comunidades populares, considerados como "privados de fortuna". Este artículo, entonces, está dedicado al estudio de las primeras décadas de funcionamiento del patrocinador agrícola Visconde de Graça

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.
augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br

y la Escuela de Artes y Oficios, instituciones de educación profesional ubicadas en la ciudad de Pelotas, en el sur de Brasil. La primera se abrió en 1923 y la segunda en 1930. El objetivo es comprender una relación entre las instituciones y las propuestas educativas higienistas para muestras populares en las primeras décadas del siglo XX, así como un análisis de las fotografías publicadas en la prensa sobre las escuelas mencionado anteriormente, basado en la perspectiva de la moralización y la higiene.

Palavras Clave: Historia de la educación. Educación profesional. Fotografías

Introdução

Higiene física e moral, bem como urbana, foram conceitos cuja relação estreitou-se durante as primeiras décadas do século XX no Brasil. Este período é marcado por um grande crescimento urbano, tanto das capitais como de cidades do interior. No alvorecer do século XX, Pelotas vivia um momento de melhorias e reformas urbanas. No bojo desse grande crescimento urbano, as preocupações referentes à civilidade dos habitantes da urbes receberam maior destaque.

Nesse sentido, destaca-se notadamente a preocupação já existente desde o século XIX, com os jovens oriundos das camadas populares, considerados como «desvalidos da fortuna». Entendia-se, entre o século XIX e início do século XX, que as crianças e jovens pobres possuíam uma tendência natural para a criminalidade e que era necessário, então, possibilitar que os mesmos tivessem uma formação específica que possibilitasse sua profissionalização e conseqüente adequação aos valores sociais vigentes.

O presente artigo, então, dedica-se ao estudo das primeiras décadas de funcionamento do Patronato Agrícola Visconde da Graça e da Escola de Artes e Ofícios, ambas instituições de ensino profissional localizadas na cidade de Pelotas, no sul do Brasil. A primeira foi inaugurada em 1923 e a segunda, em 1930. Objetiva-se compreender a relação entre as referidas instituições e as propostas educacionais higienistas existentes para as camadas populares nas primeiras décadas do século XX, bem como a análise das fotografias publicadas na imprensa sobre as escolas acima mencionadas, com base na perspectiva da moralização e higienização.

1 Referencias teórico-metodológicos:

Este estudo contou com fontes escritas e iconográficas. As últimas referem-se às fotografias publicadas na imprensa pelotense entre os anos de 1922 e 1934, as quais retratam aspectos físicos das instituições, bem como seus estudantes. Como fontes escritas, utilizam-se os Relatórios Intendenciais, os quais eram apresentados anualmente

no mês de setembro e visavam divulgar as melhorias promovidas pelo governo municipal, bem como jornais em circulação no período estudado. Tanto os textos como as imagens publicadas na imprensa atendiam a determinadas intencionalidades. Este trabalho não utiliza fotografias originais, apenas imagens publicadas na imprensa.

Tendo em vista que as imagens configuram-se em documentos fundamentais para o desenvolvimento do presente estudo, tem-se em consideração o que Burke (2004) aponta sobre a necessidade de conhecer-se as fragilidades da fotografia para viabilizar a sua utilização enquanto fonte de pesquisa. Deve-se ter em conta que, para a análise de fotografias, é fundamental a formação de “olhares preparados e sensíveis para sua compreensão, em termos de informação, conhecimento e experiência” (KOSSOY, 2012, p.22). O autor segue: “As imagens resultam da articulação de um conjunto de elementos materiais e imateriais reunidos pelos seus autores; são pensadas, construídas, codificadas” (KOSSOY, 2012, p.22).

Borges (2003) afirma que as imagens fotográficas devem ser vistas como documentos que informam a respeito da cultura material de um determinado período histórico, além de uma determinada cultura, e também como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social. O trabalho com fotografias requer a contextualização baseada em outras fontes, o que permite perpetrar as concepções dos agentes implicados na criação do documento em questão.

Além disso, deve-se ter em conta que se utiliza imagens impressas, cuja análise deve ser abordada de forma diferente das fotografias originais. Nesse ponto, ressalta-se o papel da imprensa e as suas formas de reprodução. A imprensa constituiu-se em um meio de comunicação formador de opiniões, utilizando-se das imagens para dar mais “credibilidade aos fatos”, expressão comumente utilizada quando se aborda o tema imprensa. Ao mesmo tempo em que ela forma opiniões, produz formatos determinados de textos e de imagens. De acordo com Burke (2004, p.21): “as consequências da imprensa têm comumente sido discutidas em termos da padronização e da fixação de textos em forma permanente, e pontos semelhantes podem ser levantados sobre imagens impressas”. Dessa forma, as fontes utilizadas neste estudo encontram-se inseridas em um conjunto de representações que respondem a um determinado formato, mais específico, ainda, por tratar-se de fotografias e textos produzidos durante a Primeira República. É possível afirmar que os textos e as imagens ganham formatações distintas conforme a

época e a forma de comunicação mais adequada para chegar ao público-alvo.

2. O Patronato Agrícola Visconde da Graça: a formação dos desvalidos da fortuna

A instalação de um patronato agrícola em Pelotas insere-se em um contexto de difusão dessas instituições pelo governo federal, as quais se encontravam em concordância com as preocupações educacionais das primeiras décadas do século XX, de civilizar os cidadãos, notadamente aqueles oriundos das classes mais populares. De acordo com Oliveira (2000), os patronatos se voltavam para a formação de trabalhadores com base em concepções fundamentadas nos conhecimentos científicos e objetivavam a intervenção sobre os setores mais pobres da sociedade, com o intuito de efetivar a modernização social e cultural. Embasado nos relatórios do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, o autor afirma:

Os patronatos agrícolas integrariam o suporte organizacional para implementação da vertente do ensino profissional, que contribuiria para tornar mais frutuosa a produção agropecuária. Paralelamente, concorrerá para estabelecer o equilíbrio entre a população das cidades e a população dos campos; dever do governo era contribuir para aumentar a população rural e formar o verdadeiro agricultor brasileiro (OLIVEIRA, 2000, p.2).

Dessa forma, verifica-se que os patronatos consistiam em instituições de ensino profissional que visavam a preparação para o trabalho no campo, bem como a manutenção da população proveniente da zona rural em seus locais de origem. Além disso, de acordo com Vicente (2008), a população urbana atendida era, costumeiramente, formada por órfãos e crianças pobres, considerados desvalidos de sorte. Essa categoria social era controlada e regenerada, além de tornar-se preparada para trabalhar adequadamente no âmbito da sociedade que então se formava.

Logo, por meio do decreto de nº 12.893, de 28 de fevereiro de 1918, o presidente da República e o Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio autorizaram a criação de patronatos agrícolas “para educação de menores desvalidos, nos postos zootécnicos, fazendas-modelo de criação, núcleos coloniais e outros estabelecimentos do Ministério” (OLIVEIRA, 2000, p.4). Nesse sentido, Ciavatta (2009) afirma que o trabalho e o assistencialismo se constituíram em fundamentos da educação no Brasil para o atendimento às classes menos favorecidas. Segundo a autora, esse movimento respondia aos sentimentos morais e religiosos, bem como atendia às necessidades econômicas que então se colocavam. Percebe-se, então, que a profissionalização da infância pobre se

constitui em uma ferramenta assistencialista que, ao mesmo tempo em que representa uma preocupação do governo em atender aos desfavorecidos, fornece mão de obra capacitada para os donos dos meios de produção.

O Patronato Agrícola Visconde da Graça foi criado pelo decreto 15.102, de 09 de novembro de 1921 e entrou em funcionamento em 12 de outubro de 1923. No Relatório Intendencial de 1922, o então intendente Pedro Luis Osório noticiava as tratativas sobre a implantação da referida instituição de ensino na cidade. O intendente afirmava:

Com a vinda a esta cidade do ilustre engenheiro dr. Pedro Martins, do serviço de Povoamento do solo, em comissão com o digno conterrâneo dr. Álvaro Simões Lopes, ficou resolvido que o local para ser instalado o Patronato Agrícola, empreendimento a realizar-se entre nós, por determinação do nosso eminente contemporâneo dr. Ildefonso Simões Lopes, seria na Bôa Vista, 2.º Districto, (RELATÓRIO INTENDENCIAL DE 1922, p.14).

Tendo em vista às afirmações de Pedro Luis Osório, percebe-se que o fato de Pelotas ter recebido a instalação de um patronato agrícola se deveu ao fato de que um pelotense ocupava o cargo de Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio durante o período de instalação. No entanto, Oliveira (2000) apresentou um quadro dos patronatos agrícolas criados durante a Primeira República e se deve salientar que a maior parte deles se localizava em cidades do interior dos estados, tendo sido apenas um instalado na capital de um estado, no caso em Porto Alegre, o Patronato Agrícola Pinheiro Machado. A interiorização do ensino se demonstra bastante razoável no que tange aos objetivos desse tipo de instituição, os quais visavam justamente afastar dos meios mais urbanizados, aqueles que poderiam se constituir em ameaça à ordem vigente.

Ressalta-se, ainda, que a criação do Patronato Agrícola em Pelotas se deveu, também, ao fato de o governo municipal ter cedido um terreno de 200 hectares, no qual foi instalada a instituição. Além disso, foi sugerido pelo governo municipal que o Patronato levasse o nome de “Visconde da Graça”, pai de Ildefonso Simões Lopes. A partir de 1923, a instituição iniciou o seu funcionamento, ainda no governo de Pedro Luis Osório.

Com relação às imagens publicadas na imprensa pelotense, no que se refere ao Patronato, geralmente dedicavam-se a retratar o prédio. Destaca-se que todas são oriundas do Almanach de Pelotas. Uma delas foi extraída da edição de 1928 e as outras, da edição de 1934.

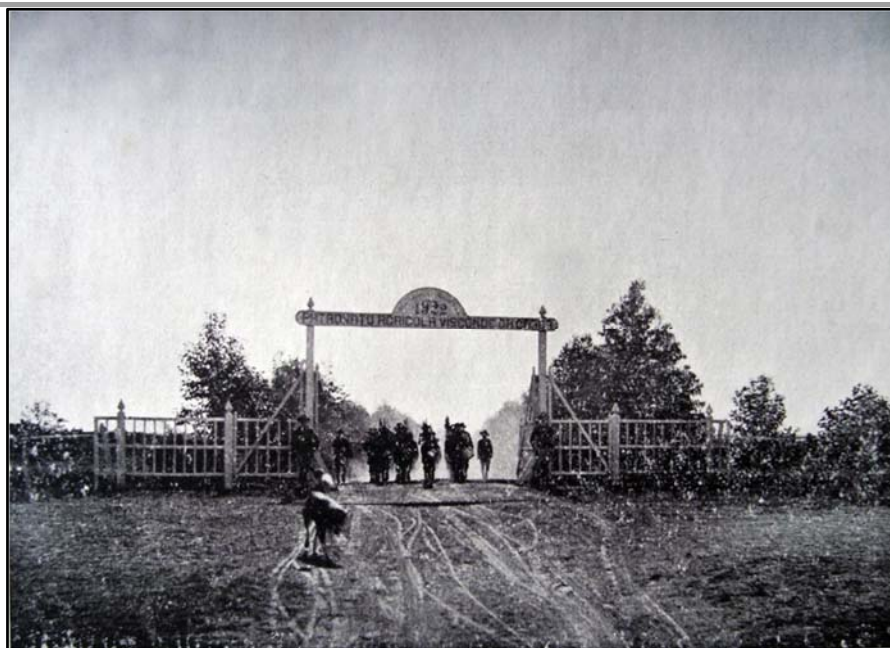


Figura 1 – “Portão de entrada do Patronato Agrícola Visconde da Graça”
Fonte: Almanach de Pelotas de 1928

A primeira imagem (figura 1), cuja legenda é “Portão de entrada do Patronato Agrícola Visconde da Graça”, apresenta a entrada da instituição. Deve-se ter em conta que o Patronato visava atender a infância pobre, o que pode ser percebido na simplicidade de seu portão de madeira, bastante semelhante a um portão de fazenda, no qual constava o nome da instituição e o ano de seu decreto de fundação (1922). Em ambos os lados do portão, que se encontrava no centro da imagem, encontravam-se cercas, também de madeira, bem como verificam-se várias árvores.

Embora os elementos arquitetônicos sejam aqueles apontados pela legenda, é possível perceber nessa fotografia, um grupo de estudantes utilizando uniformes de escoteiros e ordenadamente organizados. Os jovens retratados representam de forma eficaz o ideário de formação cívica presente nesse tipo de instituição. Além disso, ressalta-se que o Patronato, além de ser um internato, promoveu a criação de uma Escola de Escoteiros, que visava formar cívica e moralmente a infância da época. Logo, é possível afirmar que essas instituições possuíam preocupações maiores do que apenas a formação profissional dos “desvalidos”, mas objetivavam civilizar aqueles que se encontravam à margem da sociedade.



Figura 2 – “Uma das salas de aula do Patronato Agrícola “Visconde da Graça””
Fonte: Almanach de Pelotas de 1934

Em 1934, publicou-se a fotografia de uma sala de aula e de um dos dormitórios da instituição. A primeira imagem (figura 2), cuja legenda aponta para os elementos arquitetônicos da instituição, representa uma sala de aula, de tamanho aparentemente grande, na qual se percebe a existência de uma grande porta de duas folhas, bem como uma grande janela. Salas de aula de grandes dimensões aparentemente foram uma constante na arquitetura escolar profissional. De acordo com Wolff (2010), a Escola Profissional Masculina do Brás contava com grandes salas de aula, iluminadas por grandes janelas e ladeadas por uma circulação aberta.

Nas paredes verifica-se uma série de mapas que evidenciam a existência de uma formação propedêutica, além da profissional. Além disso, embora a qualidade da fotografia não permita uma análise aprofundada dos conteúdos dos mapas presentes nas paredes, pode-se perceber que as disciplinas de História e Geografia provavelmente se encontravam no currículo escolar desses estudantes. Ambas as disciplinas, nesse período, encontravam-se interligadas com o ideário de formação moral e cívica, especialmente no que tange à valorização da História e Geografia pátrias.

A presença dos alunos e do professor, embora não seja o objetivo da legenda da imagem, evidencia importantes elementos constituintes dessa instituição.

Primeiramente, verifica-se que os alunos se encontravam sentados em carteiras individuais, as quais estavam fixadas no chão. Na fotografia constavam cinco fileiras, de onze alunos cada uma, ou seja, a sala de aula contava com cinquenta e cinco estudantes. Ao centro, próximo da porta, posicionado em pé, encontrava-se o professor. Nessa imagem evidentemente posada, todos os estudantes e o professor olham para baixo, para suas atividades. Sobre a classe de cada aluno se percebe um livro aberto. O uniforme do professor possui características militares, enquanto o uniforme dos estudantes é extremamente simples. A pose em que os estudantes se encontram, evidenciam a disciplina preconizada pela instituição. Segundo Oliveira (2000):

As finalidades atribuídas aos patronatos agrícolas conformam o perfil institucional entre dois modelos: o escolar – voltado para o ensino profissional, educando para o trabalho - e o correccional - regenerar através da vida no campo, com a predominância da reclusão e da ênfase nos aspectos disciplinares (OLIVEIRA, 2000, p.4).

Além disso, o autor evidencia que tanto o trabalho como a educação foram incorporados às representações sociais sobre regeneração, que se vinculavam à proposta dos patronatos agrícolas. Por meio do trabalho, os jovens entrariam em contato com princípios educativos que o governo acreditava estarem ausentes na formação prévia dos jovens que ali ingressavam, tendo em vista que a maior parte era formada por órfãos.



Figura 3 – “Um dos dormitórios do Patronato Agrícola “Visconde da Graça”
Fonte: Almanach de Pelotas de 1934

A figura 3 refere-se a um dos dormitórios do internato. Essa imagem, que possui

tanto a identificação “Brisol” como a “Foto Studio Pelotas”. Os elementos presentes na fotografia demonstram que os dormitórios se tratavam de grandes salas, de arquitetura muito simples. A sala contava com pelo menos nove portas-janelas de duas folhas. Era bastante iluminada e ventilada, conforme os preceitos de higiene preconizados nesse período. Ao fundo se percebe a presença de um quadro, no entanto, a qualidade da imagem não permite a sua identificação.

Do lado direito da imagem, provavelmente situado entre quatro portas-janelas de cada lado, percebe-se uma antessala, a qual era fechada por grades de ferro. Há uma pessoa parada ao lado do gradil, esse não atingia o teto e era feito, provavelmente de madeira. Pode-se verificar quatro fileiras de pelo menos vinte camas, cada uma. Todas as camas se encontravam arrumadas da mesma forma. Pode-se perceber que, o Patronato buscava atender ao maior número possível de meninos das classes populares. Essa fotografia evidencia, uma vez mais, a atuação da instituição enquanto um internato, para atender e formar a infância desvalida. Conforme Oliveira (2000):

Educação, trabalho e as suas articulações presentes nos patronatos agrícolas concorreriam para fornecer aos menores a assistência, proteção e tutela moral demandadas pela situação na qual se encontravam. Assistência que era implementada com a inserção dos menores no regime de internato, que incorporava atendimento médico e odontológico. Proteção que incidia sobre a própria condição da infância, definida como de vulnerabilidade e dependente do adulto para garantir as condições plenas de vida em sociedade. Assistência e proteção concorreriam para a tutela moral (OLIVEIRA, 2000, p.5).

Tal afirmação corrobora o que diz Vicente (2010) com relação aos internatos:

Este tipo de regime surgia como alternativa àqueles que moravam em locais distantes das cidades e também àqueles que não tinham onde morar e nem tinham como ter acesso aos estudos. Além disso, serviam mais facilmente a formação do caráter normativo que tais instituições se destinavam (VICENTE, 2010, p.126).

A formação moral da infância pobre foi uma das prerrogativas do Patronato. Para corroborar com essa meta institucional, foi instalada uma Escola de Escoteiros que atendia especificamente aos jovens que ali estudavam. Entre as notícias sobre o Patronato Agrícola Visconde da Graça, pode-se dizer que a maior parte tenha sido dedicada à sua Escola de Escoteiros.

Assim como o Patronato Agrícola, na esfera rural, a Escola de Artes e Ofícios foi criada com o intuito de formação da infância pobre, porém, em âmbito urbano. Sobre essa será dedicado o subtítulo a seguir.

3. A Escola de Artes e Offícios: aspectos da educação profissional na esfera urbana de Pelotas

A implantação da Escola de Artes e Offícios² foi muito divulgada na imprensa pelotense, notadamente no jornal Opinião Pública. Em matéria do dia 25 de maio de 1918, o referido jornal noticiou a simpatia com que o município recebia a notícia da criação dessa instituição:

É com a mais accentuada sympathia que o povo pelotense assistirá amanhã ao lançamento da pedra fundamental da Escola de Artes e Offícios.
A preparação technica de um povo tem uma importância de tal ordem que se torna desnecessário insistir sobre esse assumpto. E a grandeza de uma nação não se faz unicamente nas escolas de medicina, de letras, de mathematicas, de especulações metaphysicas, de altos estudos, e sim, também, na cultura technica da população em geral, na educação do operariado manual, o concretizador dos fructos da intelligencia humana.

Pode-se perceber, pela matéria acima mencionada, que, ao contrário do Patronato, a Escola de Artes e Offícios tinha como objetivo atender a uma demanda de trabalhadores para atuar na indústria que começava a existir na região, notadamente no já mencionado polo Pelotas-Rio Grande. De acordo com Ciavatta (2009), a rede de escolas de aprendizes artífices, criada em 1909, visava ao atendimento das necessidades da indústria nascente, ao mesmo tempo em que se relacionava com iniciativas assistencialistas, bem como os Patronatos Agrícolas. Tanto uma como a outra, tinham por objetivo atender à infância pobre, o que se relaciona, inclusive, com o ideário existente no Brasil com relação à educação profissional.

Por outro lado, no início do século XX, o discurso efusivo favorável à implantação de uma escola de artífices aprendizes se encontrava inserida no âmbito do anseio pela ampliação do setor industrial na cidade, a qual se encontrava em consonância com o contexto nacional. Esse novo sistema de educação profissional passou a ser mantido pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria, o qual visava oferecer à população ensino profissional primário e gratuito.

Esse momento de crescimento industrial propiciou a elaboração de um discurso de valorização do trabalho, o qual se tornava uma possibilidade para a população pobre. Pode-se perceber que na cidade de Pelotas, reproduz-se a dicotomia presente em esfera nacional, promovendo uma expectativa para a formação da elite econômica e cultural e uma expectativa para as populações oriundas das classes mais populares. Verifica-se um discurso de valorização do trabalho e da educação profissional nas seguintes palavras,

extraídas de matéria do jornal Opinião Pública:

Os nossos homens, de uma capacidade artística invejável, reclamam apenas a fonte onde beber os ensinamentos primordiais para o seu perfeito desenvolvimento.

É um passo para a frente, que vamos dar com a criação da Escola de Artes e Offícios; é um serviço inestimável que a nova instituição vai prestar ao país.

Uma tenda onde se vai aprender a trabalhar, um verdadeiro templo erguido ao Trabalho, o mais formoso de todos os evangelhos (OPINIÃO PÚBLICA, 25 de maio de 1918).

Torna-se evidente a divulgação do trabalho como elemento salvador para os necessitados, o que também pode ser percebido em matéria do jornal O Rebate: “Os mendigos, que arrastam na rua os seus andrajos, os vadios famintos e alcoólatras que dormem nos albergues nocturnos, são o resultado doloroso da nossa educação”, (O REBATE, 18 de janeiro de 1918). Continua: “Só o trabalho nos pode trazer um dia à memória a voz abençoada do passado, e só pelo trabalho se poderá salvar a pátria, respeitar a família e louvar o direito” (O REBATE, 18 de janeiro de 1918). O trabalho, enquanto possibilidade de moralização social, foi apresentado como solução por dois periódicos com vinculações políticas diferentes.

Além disso, em ambos a valorização do trabalho se encontrava relacionada com a educação profissional. No jornal, O Rebate, sugere-se o estabelecimento de uma relação entre o ensino profissional e o ensino primário, a qual é colocada em oposição à formação das elites:

[...] Entretanto é bom notar que o fim destas escolas não se restrinja à educação, à cultura, ao aperfeiçoamento intelectual dos espíritos. Ai dos Estados que tivessem apenas homens intelectuais e cultos! A profissão deve ter uma base de cultura, mas é preciso que haja a profissão. Ahi está porque depois das aulas de A.B.C. deveriam seguir-se as aulas practicas [...] (O REBATE, 18 de janeiro de 1918).

Logo, percebe-se que ao mesmo tempo em que o periódico valoriza o trabalho manual e o trabalhador, demonstra que o ensino profissional deve atender a determinadas classes sociais. Apesar de todo o desprezo que a matéria apresenta com relação à intelectualidade, inclusive utilizando-se da expressão “diplomar a vaidade e doutorar a ignorância”, representa estar em concordância com o pensamento classista. A educação profissional consistiria em uma oportunidade para diminuir o número de pessoas que viriam a se tornarem mendigos, ou seja, os pobres. Dessa forma, é possível afirmar que a criação de uma Escola de Artes e Offícios em Pelotas esteve relacionada com a civilização e a regeneração de determinados grupos sociais que se encontravam alijados de uma

educação superior. De acordo com Krüger (2007), assim como as outras escolas criadas no país, a escola de Pelotas já nasceu com o estigma de uma entidade assistencial, destinada a atender um segmento social determinado.

Após a cerimônia de lançamento da pedra fundamental Krüger (2007) e Meirelles (2002) afirmam que foi realizada a arrecadação de fundos e materiais. O prédio foi erguido no mesmo terreno em que atualmente se encontra o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – Campus Pelotas. No entanto, a instituição não entrou em funcionamento nesse período, o que causou manifestações na imprensa:

Confrange o coração dos pelotenses o descaso, o abandono, a que foi votada aquella futura instituição, em que se fundavam tantas esperanças. É criminosa a apathia dos que se tornaram responsáveis por aquele empreendimento. Nada a poderá justificar aos olhos desta população em peso, que via naquelle tentamen (sic) uma das suas aspirações, das mais antigas e das mais acalentadoras (OPINIÃO PÚBLICA, 5 de outubro de 1923).

A instituição só veio a entrar em funcionamento a partir de sua municipalização, pelo Decreto Municipal nº 1.795, de 08 de março de 1930, quando passou a se chamar Escola Technico-Profissional.

Com relação às imagens da Escola de Artes e Offícios, Mauad (2008), ao utilizar fotografias como fonte para as suas investigações, reitera uma importante questão que deve ser levada em consideração ao se tomarem tais objetos como documento. Ao se fazer essa opção, deve-se questionar o que as imagens revelam da história de seu tempo. Com relação à Escola de Artes e Offícios foram publicadas duas fotografias de seu prédio, uma no Álbum do Centenário de 1922 e outra no Almanach de Pelotas de 1923. Ambas as imagens retratam a instituição de um mesmo ângulo.



Figura 4 – “Edifício da Escola de Artes e Ofícios em construção”
Fonte: Album de 1922

Na primeira (figura 4), cuja legenda é “Edifício da Escola de Artes e Ofícios em construção”, percebe-se a presença de andaimes que rodeavam o prédio. Além disso, quatro trabalhadores foram retratados: dois sobre os andaimes e dois posicionados no chão. Embora a qualidade da imagem não permita uma análise mais aprofundada desses personagens, é possível afirmar que três deles, ao se verem retratados, posaram para a fotografia. A sua presença nessa imagem é secundária, no entanto, provavelmente para esses trabalhadores oriundos de classes populares, essa se constituía em uma oportunidade única de serem retratados para uma publicação em um periódico.

Com relação ao prédio, a fotografia permite a visualização de sua fachada principal, bem como de uma das fachadas laterais. Embora o prédio não apresentasse uma arquitetura tão despojada como os pavilhões do Patronato Agrícola Visconde da Graça, tampouco sua arquitetura era rebuscada. A fachada principal era constituída de um frontão arredondado, abaixo do qual consta uma janela e uma porta (figura 4). Ao lado do frontão, dispunham-se quatro janelas. A fachada lateral contava com dezoito janelas, seguindo os preceitos de higiene que os prédios escolares deveriam ter em conta quando da sua construção.

De acordo com Wolff (2010), o Brasil buscou reproduzir as propostas educacionais, inclusive no que tange à arquitetura, existentes na Europa. Segundo a autora, a preocupação com a arquitetura escolar ganhou vulto no século XIX, sendo influenciada pelo positivismo. Propunha-se para os prédios escolares uma arquitetura funcional, na qual eram enfatizadas as questões de higiene e de distribuição ideal do

espaço. Com relação aos estilos arquitetônicos, o ecletismo abarcou uma série de elementos, como neogóticos e neoclássicos.



Figura 5 – “Escola de Artes e Ofícios”

Fonte: Almanach de Pelotas de 1923

Na figura 5, extraída do Almanach de Pelotas de 1923, pode-se perceber que o prédio, agora já finalizado, contava com porão. Além disso, alguns degraus levavam à porta de entrada. Com base na planta apresentada no Relatório Intendencial de 1924, o projeto previa um prédio de dimensões muito maiores do que as que se encontravam edificadas. As preocupações mais evidentes com o prédio da Escola de Artes e Ofícios em detrimento do prédio do Patronato Agrícola Visconde da Graça podem estar relacionadas ao fato de o primeiro estar localizado em zona urbana, enquanto que o segundo se encontrava na zona rural. A localização urbana possibilitava uma maior apreciação do prédio, o que se constituía em importante elemento de representação do ideário de modernidade que a elite propunha em relação à cidade. Contudo, a localização destinada ao prédio, mesmo em zona urbana, não era central, o que pode ser percebido nas figuras 4 e 5, ao se verificar um amplo terreno e a ausência de prédios próximos.

Embora todos os prédios levassem em consideração os princípios de higiene e iluminação, pode-se perceber que são construções mais despojadas². Essa diferenciação

2 Os prédios escolares das instituições educacionais da cidade de Pelotas, notadamente da Escola de Agronomia e Veterinária, instituição de ensino superior na área de Ciências Agrárias e que atuava no mesmo campo do Patronato Agrícola Visconde da Graça pode ser mais aprofundado no estudo de suas imagens realizado por Oliveira (2012). Sobre

provavelmente não ocorreu em todos os lugares. Segundo Wolff (2010) as escolas profissionais do Estado de São Paulo, cujos prédios foram especialmente construídos para esse fim, apresentavam em suas fachadas elementos que faziam referências às profissões e ao ensino nelas ministradas, abusando do uso de alegorias. Dessa forma, pode-se dizer que as fachadas despojadas das instituições de ensino profissional não foram uma constante em âmbito nacional. A sua ocorrência em Pelotas se encontra vinculada ao caráter elitista do grupo de status da cidade, que valorizava uma educação para determinada classe social, em detrimento das outras. As preocupações com a formação das classes populares se encontravam ligadas à benemerência e ao status dessa proveniente.

Considerações Finais

A história das instituições de educação profissional durante as primeiras décadas do século XX, tanto em esfera nacional, como local, encontra-se relacionada com os objetivos de higienizar física e moralmente os jovens «desvalidos da fortuna», os quais eram então compreendidos como pessoas passíveis de vincularem-se a atividades criminosas. As fotografias das duas instituições de ensino profissional permitem vislumbrar a clara diferenciação entre uma educação proposta para as elites e uma educação proposta para as classes populares.

Pode-se afirmar que o ensino profissional foi a forma oficialmente encontrada para disciplinar os jovens das classes menos privilegiadas da sociedade, acolhendo-os com base nos preceitos de higienização moral, cívica e física. Além disso, ressalta-se que no interior das propostas para educação popular, existia, ainda, uma diferenciação entre a zona urbana e a zona rural. Embora ambas atendessem às classes menos favorecidas, o status institucional era diferenciado, o que ficou evidente em especial no que se refere à arquitetura escolar. A localização urbana possibilitava uma maior apreciação do prédio, o que se constituía em importante elemento de representação do ideário de modernidade que a elite propunha em relação à cidade.

Destaca-se, ainda, que embora todos os prédios levassem em consideração os princípios de higiene e iluminação, os prédios de educação profissional constituem-se em construções mais despojadas. Com relação aos espaços escolares, retoma-se Frago

A diferenciação entre a ornamentação de prédios situados na zona central e os situados na zona periféricas, sugere-se a leitura de artigo de Oliveira (2009).

(2001), com as mudanças ocorridas no espaço escolar, decorrente da transição de escola/sala de aula para escola/colégio: “a disposição e distribuição interna dos espaços nos edifícios escolares torna-se uma questão cada vez mais importante” (p.106). Para o autor, pela disposição dos espaços, é possível perceber a ordenamento institucional.

Para Frago (2001), a disposição do mobiliário escolar representa, também, a relação entre professores e alunos, o que pode ser verificado nas fotografias de salas de aula. A austera sala de aula do Patronato Agrícola Visconde da Graça, representa o ordenamento militarizado que era proposto por aquele tipo de instituição que, conforme Oliveira (2000) e Vicente (2010), visava regenerar os jovens que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioeconômica (“os desvalidos da fortuna”).

Deve-se ter em conta, ainda, que as preocupações com a ornamentação das fachadas dos prédios que abrigavam instituições de ensino estavam, na maior parte dos casos, relacionadas ao público a ser atendido pelo estabelecimento. Logo, compreende-se o despojamento e austeridade do prédio do Patronato Agrícola Visconde da Graça e da Escola de Artes e Ofícios.

A educação profissional higienizava tanto por sua capacidade de atribuir uma formação, uma profissão, como pela disciplinarização presente nas práticas e nos espaços escolares. Os quartos, as salas, as dependências escolares são limpas, arejadas e estruturadas. As camas dispunham-se organizadas de forma hermética e os prédios foram construídos com a intencionalidade de possibilitar saúde e higiene física e moral.

Referências

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: História e Imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CIAVATTA, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação**: gênese e disputa na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-1960). Rio de Janeiro: Lamparina, CNPq, Faperj, 2009.

KOSSOY, Boris. Um olhar sobre o Brasil: uma reflexão. In: KOSSOY, Boris; SCHWARCZ, Lilia. **Um olhar sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.22-38.

KRÜGER, Edelbert. **Resgate histórico da função social da educação profissional brasileira, à luz do decreto 2.208/97**: um estudo do perfil socioeconômico do aluno do CEFET-RS. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: RS, 2007.

OLIVEIRA, Milton Ramon Pires de. Educar e regenerar: os Patronatos Agrícolas e a Infância Pobre na Primeira República. Anais do I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de; AMARAL, Giane Lange do. A Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel em fotografias: aspectos da história de uma instituição de ensino superior. Revista Pedagógica, v. 1, p. 555-580, 2012.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de; TAMBARA, Elomar; AMARAL, Giana Lange do. Fotografias de prédios escolares: a construção de obras visíveis como propaganda do governo Simões Lopes, na cidade de Pelotas. **Revista Pedagógica** (Chapecó), v. 11, p. 109-131, 2009.

VICENTE, Magda; AMARAL, Giana Lange do. **Instruir, educar, vigiar e punir: o Patronato Agrícola Visconde da Graça (1923 – 1934)**. In: X ENPOS, Pelotas, 2008.

VICENTE, Magda; AMARAL, Giana Lange do. Medidas higienistas adotadas no Patronato Agrícola Visconde da Graça (1923 – 34) – Pelotas/RS. **Revista HISTEDBR** (on-line), Campinas, n.37, p.123-133, mar./2010.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Escolas para a República: os primeiros passos da Arquitetura das Escolas Públicas Paulistas**. São Paulo, SP: EDUSP, 2010.

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Osório, RS, Brasil.

Doutorado (2012) em Educação - linha de pesquisa Filosofia e História da Educação pela Universidade Federal de Pelotas e Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Email: augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5041314532505554>

Recebimento: 16/07/2020

Aprovação: 21/09/2020

Q.Code**Editores-Responsáveis**

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França